

## POLÍTICA

# Almas penadas perambulam no Congresso

Ricardo Lessa

O Congresso Nacional tem pouco mais de 30 anos, mas já está cheio de almas penadas. Depois de frequentá-lo por muitos anos, não são poucos os parlamentares que se recusam a abandoná-lo, mesmo após *desencarnados* pelas urnas.

Mais de 20 ex-deputados e ex-senadores continuam frequentando gabinetes, vagando pelos corredores do Congresso, e até escrevendo

discursos e apresentando projetos, como espectros do passado.

Fazem parte da última leva dessas almas, os ex-senadores Áureo Mello (PRN-AM), Ronan Tito (PMDB-MG) e Pedro Teixeira (PP-DF), e os ex-deputados Roberto Cardoso Alves — o *Robertão* — (PMDB-SP), José Lourenço (PFL-BA) e Ricardo Fiúza (PFL-PE).

**Excluídos** — Recém-batidos nas urnas, eles têm voltado periodicamente ao Congresso Nacional.

“Não sei mais fazer outra coisa na vida”, choraminga Lourenço no ombro de *Robertão*, companheiro dos velhos tempos de Centrão, aliança conservadora que atuou como um rolo compressor na Constituinte.

Arrastando suas memórias, eles têm sido vistos pelos corredores da Câmara, nos gabinetes dos atuais parlamentares e mesmo no cafezinho e no plenário.

Na primeira-secretaria, no subso-

lo da Câmara, pode-se encontrar sempre, bebericando um cafezinho, o ex-deputado Haroldo Sanford.

“É o ponto dos ex-parlamentares”, diz ele, hoje ocupando um posto na Benfam no Rio de Janeiro, como informa.

Mas a nostalgia do plenário é pluripartidária. A ex-deputada Moema Santiago (PMDB-CE), depois de um mandato, expirado em 1986, não consegue arredar o pé do Congresso.

**Militante** — Empregada do Metrô de Brasília, ela sempre é vista nos tapetes verdes da Câmara. “Sou militante do meu partido”, justifica.

Integrante da antiga tropa de choque do presidente Collor, Áureo Mello não tem medo de assombrar seus ex-colegas. Mas na semana passada foi desalojado da poltrona que havia ocupado pelo seu colega do Amazonas, Bernardo Cabral.

“Cai fora do meu lugar”, brin-

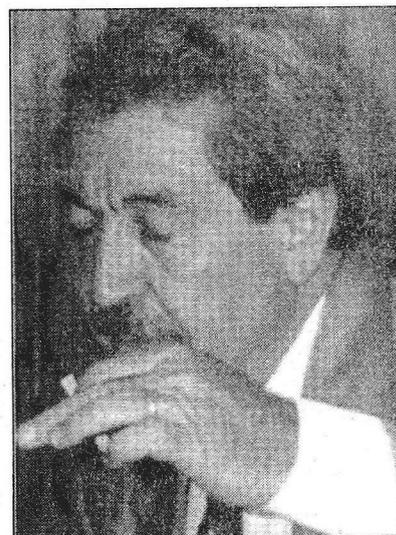
cou Cabral, como contou o bem-humorado ex-senador. “Adoro sentar naquelas poltronas, me sinto na minha casa”, confessa Mello.

Quase todos os dias ele pode ser visto no Senado. “Para cuidar da tramitação dos projetos do meu interesse”, justifica.

Para ele, que se considera “um senador sem língua”, o político forma uma classe. “Não somos bisonhos”, protesta.



Áureo Mello: sem assombração



Ronan Tito: assessorando o PMDB